

Conferência: COOPERAÇÃO E SENSO DE JUSTIÇA NA CIÊNCIA PSICOLÓGICA:
NATUREZA HUMANA OU CONSTRUÍDOS SOCIALMENTE? (SBP)

Conferencista: Marcelo Frota Benvenuti (USP)

Apresentador: Lisiane Bizarro Araujo (UFRGS)

Dia/Hora: 25/7/2023 - das 09h30 às 11h00

Local: Ciências Biológicas - Anfiteatro 12

Nascemos cooperativos e a sociedade nos corrompe ou nascemos essencialmente egoístas e precisamos das normas sociais para que nos tornemos sensíveis aos outros e altruístas? Essa antiga divergência, bem representada pela oposição das ideias de Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau, pode ser revisitada atualmente à luz de estudos em psicologia e suas áreas de fronteira sobre cooperação e senso de justiça. Esses estudos examinam as bases evolutivas da cooperação, a ontogênese do senso de justiça e sua relação com a cooperação, e como a aprendizagem pode modular o senso de justiça e disposição a cooperar. Pessoas que cooperam usualmente produzem mais e melhor. Coerente com isso, disposição para a cooperação e a possibilidade de aprender socialmente parecem ser marcas distintivas dos seres humanos. Mas quando duas ou mais pessoas trabalham em uma tarefa, vantagens da cooperação podem ser divididas de maneira equitativa ou não, levantando a questão da justiça. Na solução de dilemas sociais, um tema que tem ganhado destaque no campo dos estudos sobre cooperação é o papel da desigualdade de ganhos na tomada de decisão sobre uma alternativa mais individualista ou pró-social. Ganhos desiguais em tarefas comuns podem ser tolerados, mas a desigualdade extrema tende a limitar a cooperação. Além disso, duas formas de aversão à desigualdade têm sido relatadas na literatura: a aversão à desigualdade desfavorável (DI) é quando um participante renuncia a ganhos em uma situação em que ele está recebendo menos do que o seu parceiro. A aversão à desigualdade favorável (AI) é quando um participante renuncia a ganhos em uma situação em que ele está recebendo mais do que o seu parceiro. Estudos sobre a ontogênese da justiça mostram marcadores no desenvolvimento humano e variações culturais para que a aversão a desigualdade seja observada ou não. DI surge mais cedo e está presente em todas as sociedades estudadas, já AI surge mais tarde, apenas em algumas culturas e a idade em que ela é tipicamente observada varia de cultura para cultura. Dessa discussão, tem sido considerado que a AI expressa mais fortemente o sentimento de justiça, enquanto a DI poderia ser considerada um mecanismo mais básico de regulação competitiva na divisão de recursos.

Resultados produzidos por nosso grupo de pesquisa no Instituto de Psicologia da USP mostram como a DI pode ser modulada pela experiência prévia de cooperação bem-sucedida. Após uma história em que um participante é beneficiado com distribuições de ganhos vantajosas, ele passa a permitir que seu parceiro ganhe mais quando a situação é revertida e ele se encontra em uma situação de DI. Nesses estudos, participantes poderiam utilizar um cartão verde ou azul a cada tentativa. Com a combinação azul-azul, os participantes tinham uma situação de ganhos desiguais: 100 pontos para um, 20 para o outro. Com qualquer um dos participantes usando o cartão verde, os ganhos eram 20 pontos para cada participante. O participante trabalhava com um confederado ou em um computador que simulava o desempenho de outro participante. As condições variaram colocando o participante ora em uma condição de desigualdade vantajosa, ora em uma situação de desigualdade desvantajosa. Nas condições de desigualdade vantajosa, o desempenho de nosso confederado variava de modo a proporcionar ou não a vantagem para o participante. Tanto em delineamentos intra quanto entre participantes, os resultados foram muito claros em demonstrar que os participantes mostravam uma espécie de reciprocidade na situação de DI: quando eram previamente beneficiados pelo confederado, permitiam que o confederado ganhasse mais quando o jogo virava; quando não haviam sido beneficiados, não permitiam que o confederado ganhasse mais. A aversão à desigualdade desvantajosa, portanto, desaparecia quando uma história de cooperação bem-sucedida havia sido previamente estabelecida.

Em conjunto, essas pesquisas mostram que há uma base evolutiva no comportamento cooperativo, inclusive responsável pelo sucesso da espécie humana como espécie. No entanto, a cooperação exige a solução de dilemas sociais que caracterizam a maior parte das relações sociais, desde a competição por recursos entre irmãos, entre parceiros no trabalho, até a tomada de decisões econômicas que envolvem priorizar o bem-estar individual ou o bem-estar de uma comunidade. Essa conferência examina algumas das evidências que dão suporte a essas conclusões, mostrando que a oposição entre natural ou socialmente construído é artificial e prejudicial ao debate. Na construção da cooperação e do senso de justiça, a natureza humana e a experiência individual e social se combinam.

Referências:

Benvenuti, M., Siqueira, J. O., Suarez, C. J., Nascimento, C. A. V. S., Lionello-DeNolf, K. M., & Abreu-Rodrigues, J. (2020). A preliminary two-phase test of how inequity aversion is modulated by previous dyadic interactions. *Experimental Analysis of Human Behavior Bulletin*, 32, 13–21.

McAuliffe, K., Blake, P., Steinbeis, N. *et al.* (2017). The developmental foundations of human fairness. *Nature Human Behavior*, 1, 0042. <https://doi.org/10.1038/s41562-016-0042>

Nowak, M.A. and Highfield, R. (2012) *Super Cooperators: Altruism, Evolution, and Why We Need Each Other to Succeed*. Free Press, New York.

Starmans, C., Sheskin, M. & Bloom, P. (2017). Why people prefer unequal societies. *Nature Human Behavior*, 1, 0082. <https://doi.org/10.1038/s41562-017-0082>

Suarez C. J., Benvenuti M. F., Couto K.C., Siqueira J.O., Abreu-Rodrigues J., Lionello-DeNolf K. M. , Sandaker I. (2021). Reciprocity With Unequal Payoffs: Cooperative and Uncooperative Interactions Affect Disadvantageous Inequity Aversion. *Frontiers in Psychology*, 2, 12:628425. doi: 10.3389/fpsyg.2021.628425.